

A Heráldica e a falerística do Politécnico de Lisboa um exemplo de cultura e arte

Paulo Morais-Alexandre

Doutorado em Letras pela Universidade de Coimbra, Professor da Escola Superior de Teatro e Cinema, IPL, Pró-presidente para as Artes do Politécnico de Lisboa, Investigador do Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes – CIEBA da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa
E-mail: pmorais@sp.ipl.pt

Introdução

O Instituto Politécnico de Lisboa assumiu em 2010 heráldica própria, complementando o uso de logotipo criado aquando da fundação do instituto. Tal foi entendido como complementar ao já existente e não como sua substituição. Toda a estruturação heráldica foi feita tendo em conta a missão do Instituto e também a sua história e até o património histórico das unidades orgânicas que o integravam, algumas já seculares, como o ISEL, ISCAL ou as Escolas das Artes. O resultado redundou na criação de novas formas plásticas que antes não existiam, com óbvias preocupações em termos estéticos, que passam a constituir também património não só da instituição que o criou, mas tornando-se parte relevante de um corpus heráldico, no domínio da Heráldica Corporativa, onde nem sempre esta opção foi tomada. Paralelamente na ordenação das armas foi também criada uma divisa que espelha o que é o Instituto.

Paralelamente houve lugar a uma reforma das distinções atribuídas pelo Instituto, nomeadamente ao nível das medalhas de mérito já existentes, que foram adequadas à nova simbologia e foram igualmente criadas as insígnias da presidência e dos professores.

A Heráldica do Ensino Superior

A utilização da heráldica como simbologia de instituições de ensino em Portugal é relativamente limitada, piorando o panorama no ensino superior, com uma utilização quase residual, dominando a utilização daquilo que por vezes surge designado por “identidade visual” correspondendo à adoção de logotipos ou de um mero arranjo gráfico da sigla. A explicar tal facto uma errada associação da heráldica à nobiliarquia e até ao regime monárquico, o que se entende não fazer qualquer sentido e se pode provar que é falso, já que, na atualidade, há uma clara predominância da utilização da heráldica de domínio, derivada, sobretudo a partir de 1991, da possibilidade das freguesias se dotarem brasão-de-armas, algo que foi aceite, qualquer que fosse o espectro político do executivo, fosse de esquerda, centro ou direita. De igual forma a heráldica corporativa teve também nas últimas décadas um período de florescimento, nomeadamente com um extraordinário desenvolvimento da heráldica sobretudo em dois ramos das Forças Armadas, a Marinha e o Exército, mas também constituindo a heráldica da Guarda Nacional Republicana um muito bom exemplo.

Ao nível do ensino superior, são raras as universidades que têm heráldica, nomeadamente as públicas, verificando-se que, no geral, predominam os logotipos¹. Há, no entanto, bons exemplos, dos quais se cita a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, a Universidade dos Açores e a Universidade do Minho, qualquer destas instituições com boas ordenações heráldicas². Quanto aos politécnicos o panorama é a este respeito francamente desolador: apenas tem heráldica o Instituto Politécnico de Lisboa. Duas outras instituições de ensino politécnico usaram armas, mas essa utilização foi abandonada: o Instituto Politécnico de Bragança e o Instituto Politécnico de Castelo Branco.

O Instituto Politécnico de Bragança ainda tem no seu site a indicação que possui brasão de armas³, embora já não haja qualquer uso por o considerar anacróni-

1. Veja-se a este respeito de Humberto Nuno de Oliveira e Miguel Metelo de Seixas – *Heráldica Universitária: Subsídios para o Ordenamento Heráldico da Universidade Lusíada*. Lisboa: Universidade Lusíada / Academia Lusitana de Heráldica, 2004.

2. Qualquer destas instituições adotou paralelamente um logotipo, o que se compreende, não se entendendo, no entanto, o arrazoado que a Universidade do Minho publicou na sua página para justificar a adoção de logotipo, com erros absolutamente grosseiros e que evidencia da parte do autor um desconhecimento de regras básicas da heráldica, confundindo, nomeadamente, a esquerda com a direita das mesmas: «[...] Outras observações e comentários poderiam ser feitas sobre a identificação de uma nobreza de segunda, atendendo à posição em que aparece o elmo, virado para esquerda, e com isso significando uma descendência ilegítima. / Em resumo, a actividade militar subjacente a um brasão de cavalaria, realizado segundo uma retórica quatrocentista, (invocando D. Manuel I), servindo o modelo familiar da representação genealógica da aristocracia, publicado em plena República Portuguesa logo após o deflagrar da revolução política que instauraria o regime democrático de governação, para identificar uma Universidade pública, parece no mínimo insólito.» Cit. Francisco Providência – “Sobre o “nascimento” da Nova Imagem da UM” in *Sítio da Universidade do Minho*. Disponível em: https://www.uminho.pt/PT/uminho/Simbolos-e-Hino/Identidade-grafica/Documents/nova_identidade.pdf. Acedido em 2019, junho, 6. «A falta de qualidades técnicas do actual símbolo (brasão) para o pleno exercício da comunicação com valor de marca e a sua inadequação representativa; por um lado, pela escala e complexidade dos elementos iconográficos associadas à sua variação cromática e à hesitação entre a linha e a mancha como suportes de forma, por outro, atendendo ao pressuposto ontológico da universidade enquanto lugar de desenvolvimento do conhecimento, actualmente representada por insígnias militares de cavalaria na retórica manuelina da heráldica nacional de família.» Cit. “Universidade do Minho: Manual de Identidade Visual” in *Sítio da Universidade do Minho*. Disponível em: https://www.uminho.pt/PT/uminho/Simbolos-e-Hino/Identidade-grafica/Documents/Alt.%20Manual_Identidade_UMinho.pdf. Acedido em 2019, junho, 6.

3. «Símbolo do Instituto Politécnico de Bragança: Aspectos descritivos e simbologia inerente / O escudo de armas do Instituto Politécnico de Bragança pretende identificar a instituição na região do País onde está inserida. / O escudo de armas obedece às leis da heráldica portuguesa. No timbre e nas suas cores naturais está representada uma cegonha, ave de visão imensa, ex-libris de muitas aldeias transmontanas, referência permanente à natureza e à liberdade, observando-se um pleno respeito das populações. O Instituto Politécnico de Bragança tem também esta visão de abertura permanente em relação à cultura e o respeito em relação a outras formas de cultura existentes e complementares. / No bico da cegonha aparece um pequeno ramo de carvalho, árvore preponderante na região, identificando o Instituto Politécnico de Bragança com os grandes espaços naturais perfeitamente conservados na região. / Por detrás do timbre observamos a divisa do Instituto «SCIENTIA ET LABOR» como grito de guerra, dada a sua colocação e segundo as leis da heráldica. / O elmo possui as cores convencionais, ouro e prata, sendo forrado a púrpura. Como símbolo honorífico que é, tem um penacho de plumas brancas, identificação do elmo usado nas instituições educativas. / O paquife ondolante, simulador dos montes e da preponderante floresta de carvalho da região, termina os seus oito braços em folhas de carvalho estilizadas. O paquife utiliza a cor principal do Instituto Politécnico de Bragança: o vermelho-púrpura. Esta cor simbólica identifica a instituição com a dignidade, a soberania e o poder cultural. / O escudo tem como fundo a segunda cor do Instituto: o negro, que simboliza ciência, fartura, fidelidade, modéstia e sofrimento. / Na parte superior aparece o escudo de Portugal decorado com dois ramos de oliveira, árvore comum da região. Pretende-se que o Instituto Politécnico de Bragança, na sua simbologia, e onde quer que esteja representado, se identifique com Portugal e Bragança. / Na parte lateral direita observamos um símbolo que se identifica com a revolu-

co⁴. Registe-se que a simbologia heráldica que o Politécnico de Bragança usou, não era formalmente correta, infringindo várias leis fundamentais da heráldica, quer na ordenação, quer na representação “oficializada” em *Diário da República*⁵, nomeadamente a lei dos esmaltes, com o escudete das armas nacionais cosido sobre o escudo de negro, o mesmo se passando com os ramos de oliveira de verde sobre o já referido campo de negro. Acresce que o escudete das armas de Portugal tem torres em vez de castelos na bordadura. No escudete a prata é representada a branco enquanto que no castelo e torre de menagem do campo surge de cinzento; paralelamente a introdução da perspetiva na ponta, não é uma solução heráldica. A localização do grito de guerra também é defeituosa, sendo dito que se trata da divisa da Universidade. A descrição heráldica enferma também de vários e graves erros. Há ainda a registar uma profusão de móveis, o que torna as armas confusas, difícil leitura e esteticamente muito frágeis, o que é acrescido por, no campo, estarem representadas todos os metais e cores heráldicos: ouro e a prata, bem como vermelho, azul, verde, negro e púrpura.

O Instituto Politécnico de Castelo Branco, que tinha armas bem ordenadas⁶, abandonou esta solução substituindo-a por um logotipo⁷, que se pode considerar com leitura

ção tecnológica e a agricultura: o arado transmontano. / Na parte lateral esquerda observa-se o símbolo mais comum à cultura e ao saber: o livro. / Na parte central aparece a mais bela fortificação portuguesa: o Castelo de Bragança, símbolo de resistência, liberdade e autonomia. / Na parte inferior observa-se uma quadricula a negro e púrpura, pretendendo simbolizar o salpicado de terrenos agrícolas da região que assumem um belo quadriculado.» Cit. “Símbolo do Instituto Politécnico de Bragança” in *Diário da República*. Lisboa: 1995, setembro, 5, 1.ª série B, n.º 205/1995, p. 5628.

4. Cf. informação dos Serviços de Imagem – *Viva Voce*. 2019, junho, 6.

5. “Símbolo do Instituto Politécnico de Bragança”, p. 5629.

6. «Escudo ibérico: / De azul, castelo de prata, aberto, frestado e lavrado de negro, sustido por um monte de sua cor; em chefe, dois livros abertos com folhas de sua cor, capas e ferragens de ouro. Correia de sua cor perfilada e afivelado de oiro. / Elmo de prata volvido a três quartos, tauxiado de negro, guarnecido de oiro e forrado de vermelho. / Paquífe e virol de ouro, prata e azul. / Timbre: dragão de vermelho, armado e linguado de oiro, segurando na garra dextra uma folha de hera de prata. / Divisa em listel branco, com caracteres maiúsculos a negro: INSTITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO. [...] Simbologia: / Castelo – armas falantes em relação ao topónimo; / Monte – grandeza ou firmeza; / Livro – conhecimento; / Dois (livros) – número perfeito da criação; / Prata – amizade; / Azul – lealdade; / Vermelho – valor; / Dragão – sabedoria; / Hera – eternidade.» Cit. “Emblemática do Instituto Politécnico de Castelo Branco” in *Diário da República*. Lisboa: 1995, março, 9, 1.ª série B, n.º 58, p. 1292.

7. «[...] análise do brasão do IPCB constatou-se que o código simbólico empregue pela heráldica não era suficientemente conhecido pelo público em geral. Por outro lado, a complexidade própria de um brasão (quer ao nível da forma ou da cromática), tornava-se num impeditivo à memorização fácil e uma condicionante às possibilidades de redução ou aplicação em distintos suportes analógicos ou digitais. A quantidade de cores do brasão implicava que a impressão fosse no mínimo a quatro cores. Assumindo o princípio de que uma marca gráfica tem como primeira função a diferenciação, o brasão do IPCB apresentava lacunas a esse nível. Na verdade, constatou-se que partilha demasiados elementos gráficos semelhantes ou iguais a outros brasões pertencentes a organismos militares ou de outros sectores. Sendo que a emblemática da heráldica atribuída ao IPCB era constituída por um brasão de armas, uma bandeira e um selo, formalmente muito diferentes, não existiam critérios para o seu uso coerente, pelo que a instituição se fazia representar indiscriminadamente das três formas. Embora o uso do brasão fosse predominante, esta situação dificultava a criação de uma Identidade Visual marcante e facilmente identificável pelo público.» Cit. Daniel Raposo e João Neves – “O Instituto Politécnico de Castelo Branco como marca” in *ddiseño: Boletín académico-científico de Información y Desarrollo del diseño en el ámbito hispano/italiano/portugués*. Málaga: 2000, janeiro, ano 3, n.º 5. Disponível em: <http://www.arsfuentes.es/ddiseño/ddiseño-5/documento1.htm>. Acedido em 2019, junho, 5.

heráldica, mas com um erro grosseiro⁸, não tendo sido avaliada a opção de considerar que o logotipo podia ser concomitante com o uso de armas, como fez e bem inicialmente o Instituto Politécnico de Bragança⁹ e o que o próprio Politécnico de Lisboa faz no presente, ao reservar o uso do brasão-de-armas para os diplomas e para a bandeira, enquanto que o logotipo fica vocacionado para a imagem institucional, não sendo incompatíveis, nem colidindo entre si.

No momento em que o presente artigo era escrito, estava aberto um concurso de ideias para “Criação e Desenvolvimento de Logótipo do Instituto Politécnico de Viseu e respetivo manual de normas”, o que, segundo a documentação do procedimento, derivava da necessidade “imperativa” «[...] de criar uma nova imagem do instituto, tornando-a apelativa, dinâmica e capaz de refletir o seu valor como instituição do Ensino Superior.»¹⁰. Não era sequer equacionada a hipótese heráldica, o que não se entende.

Importa questionar se os brasões-de-armas das muito prestigiadas universidades de Harvard, Cambridge, Yale ou Princeton prejudicam o dinamismo destas instituições ou não refletem o seu valor?

A cíclica atualização dos logotipos prova, sobretudo, a efemeridade deste tipo de simbologia e a necessidade da sua renovação constante que tem como consequência, quando aplicada em exclusividade, a substituição periódica da bandeira, selos, insígnias, etc., perdendo-se claramente o valor patrimonial e cultural transmitido pela perenidade da simbologia heráldica e, até, a união e comunhão dos *alumni* junto da simbologia, que permanece desde o tempo em que eram estudantes e na qual se reveem, que está nos seus diplomas e não da incompreensão por uma simbologia recém-adotada, desconhecida e que não vale a pena registar porque será rapidamente reformada.

8. O logotipo do Instituto Politécnico de Castelo Branco pode permitir a seguinte leitura heráldica: de azul uma torre de prata; por timbre um dragão segurando na garra dextra uma folha de hera, tudo de prata. A justificação e descrição apresentada pelos autores mostra que não conhecem as regras da linguagem heráldica, que atribuem significado simbólico às peças que estas dificilmente têm e omitem até alguns elementos da composição, como se eles não estivessem presentes: «Considerado um símbolo com forte potencial de diferenciação, manteve-se o dragão, ser mitológico que simboliza sabedoria e desejo da inteligência. Em alusão à nacionalidade destaca-se o escudo, que acaba por funcionar como elemento de interligação entre as várias marcas gráficas criadas. Deu-se ênfase ao castelo que representa a cidade de Castelo Branco.» Cit. Daniel Raposo e João Neves – ob. cit.. Ao contrário do afirmado não é representado um castelo, mas antes uma torre; não se entende como é que um escudo é uma alusão à nacionalidade; não se faz referência à folha de hera que o dragão segura na garra; por fim, o mesmo metal, a prata, é representado no campo do escudo pelo branco e no timbre por prata.

9. «O Instituto Politécnico de Bragança (IPB) possui um símbolo e um brasão. O símbolo é utilizado na projeção da imagem e ações do IPB, representando a unidade do Instituto e evidenciando a sua abertura para o exterior e acompanhando a sua evolução e das respetivas Unidades Orgânicas, de acordo com as necessidades de diferenciação e posicionamento no contexto do ensino superior e o sentir coletivo da comunidade do IPB. [...] A utilização do brasão é reservada para ocasiões excecionais, onde se considere necessária uma insígnia formal e cerimonial, devendo a sua utilização ser aprovada pelo Presidente do IPB, para garantir a conformidade de uso e para assegurar a sua reprodução em moldes adequados.» Cit. “Símbolos e Brasão” in *Sítio do Instituto Politécnico de Bragança*. Disponível em: <https://portal3.ipb.pt/index.php/pt/ipb/quem-somos/ipb/simbolos-e-brasao>. Acedido em 2019, junho, 5.

10. “Logotipo IPV – Concurso de Ideias” in *Sítio do Instituto Politécnico de Viseu*. Disponível em: http://www.ipv.pt/ci01_19/pconc_ci_2019.pdf. Acedido em 2019, junho, 5.

A HERÁLDICA DO POLITÉCNICO DE LISBOA

O primeiro logotipo

A estruturação da imagem institucional do Politécnico de Lisboa começou por ser feita através da criação de um logotipo, concebido ainda sob a égide da comissão instaladora desta instituição e começado a utilizar em 1986¹¹, mas apenas registado no Instituto Nacional de Propriedade Industrial em 2007¹². Trata-se de um arranjo gráfico da sigla IPL que remete para a forma de um veleiro / caravela estilizado sobre ondado (fig. 1). Este logotipo seria utilizado exclusivamente até à criação de simbologia heráldica, altura em que cairia em desuso, vindo a ser criado posteriormente, em 2012, um novo logotipo¹³, também este reformado posteriormente.



1 – Primeiro logotipo do Politécnico de Lisboa

A opção pela assunção de armas pelo IPL

Não se conhece, até à presidência do professor Luís Vicente Ferreira, qualquer interesse na criação de heráldica para o Politécnico de Lisboa. De igual forma, a existência de heráldica nas unidades orgânicas do Politécnico era absolutamente residual e sem qualquer tradição, salvaguardando-se o caso do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa, muito anterior à estrutura onde viria a ser integrado, já que remonta a sua origem à Aula do Comércio pombalina, com uma composição simbólica que incluía um escudo-de-armas e até divisa, mas, desde logo, com uma grave infração à lei dos esmaltes¹⁴.

Foi na sequência de uma conversa informal havida entre o autor do presente texto e o referido presidente do Politécnico que, em 2007, foi levantada tal hipótese e foi pedida a apresentação de uma proposta.

O enquadramento legislativo

A legislação relativa à heráldica corporativa é lacunar e anacrónica. Efetivamente em 1991, foi aprovada a “Lei n.º 53/91 de 7 de Agosto – Heráldica autárquica e das pessoas

11. Cf. Arminda Rodrigues – “Instituto Politécnico de Lisboa tem novo logotipo” in *Politecnia*, Lisboa: 2012, março, n.º 26, p. 10.

12. Rui Solnado da Cruz – “Ofício Ref. DM/20/2007/65219” in *Pasta Logotipos*. S.l., 2007, abril, 26. Arquivo do Gabinete de Comunicação e Imagem do IPL.

13. Arminda Rodrigues, ob. cit., pp. 10-11.

14. Escudo partido cosido de azul e vermelho carregado com um caduceu rematado na parte superior de um elmo alado, com duas serpes entrelaçadas, tudo de prata, sobre-o-todo.

colectivas de utilidade pública administrativa”¹⁵ onde se estabelecia, não só a reforma da heráldica do território, mas também era instituída a possibilidade das “pessoas colectivas de utilidade pública administrativa” adotarem armas, sendo a legislação muito lacónica relativamente ao processo, apenas registando que seria criado um «Gabinete de Heráldica Autárquica, com funções de consulta e registo na área da heráldica e das pessoas coletivas de utilidade pública administrativa.»¹⁶. Mais se determinava que: «Até à plena entrada em funções do Gabinete previsto no número anterior, as funções de consulta na área da heráldica autárquica e das pessoas coletivas de utilidade pública administrativa são asseguradas pela Comissão de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses.». Não se conhece nenhum caso de armas de estabelecimentos do ensino superior armigerados a partir de parecer desta associação, entendendo-se que não fará qualquer sentido, pelo que se pode considerar que, atendendo aos estatutos das instituições¹⁷, estas podem assumir armas, como tem efetivamente acontecido.

A estruturação de armas para o IPL

Campo do escudo

O ponto de partida para a ordenação do campo foi a integração, na solução heráldica, de tudo o que fosse possível manter da simbologia já existente, ou seja, um veleiro ligado à história de Portugal. Paralelamente, entendia-se afirmar a ligação à região de implantação do armigerado – o distrito de Lisboa, através da criação de uma afinidade visual com a bandeira da cidade de Lisboa, o que podia ser feito através do gironado, que, pelos motivos aduzidos, teria que ser forçosamente de negro e prata o que afastava a predominância do azul anteriormente usado no logotipo (fig. 2).



2 – Campo do escudo do Politécnico de Lisboa

Coronel

Não existindo qualquer tradição no uso da “coroa cívica” prevista pela legislação¹⁸, existindo universidades que adotaram o uso do elmo, algo que não tem particular justifica-

15. “Lei n.º 53/91 de 7 de Agosto – Heráldica autárquica e das pessoas colectivas de utilidade pública administrativa” in *Diário da República*, Lisboa: 1991, Agosto, 7, 1.ª série A, n.º 180, pp. 3904-3906.

16. O que não foi feito na altura, nem viria a ser feito até ao presente.

17. «Artigo 7.º Símbolos 1 – O IPL adopta emblemática e traje próprios, a serem aprovados pelo Conselho Académico do IPL.» Cit. “Estatutos do Instituto Politécnico de Lisboa” in *Diário da República*. Lisboa: 2009, maio, 2.ª série, n.º 98, pp. 20492-3.

18. Esta “coroa cívica” destinava-se a todas as armas de pessoas colectivas de utilidade pública administrativa e deveria ser «[...] formada por um aro liso, contido por duas virolas, tudo de prata e encimado por três ramos aparentes de carvalho de ouro, frutados do mesmo.» “Lei n.º 53/91 de 7 de Agosto”, p. 3905.

ção, existindo uma muito interessante criação de coronéis próprios para certas áreas, sendo disso bons exemplos os coronéis dos três ramos das forças armadas, foi decidido propor a criação de um coronel específico a um estabelecimento de ensino superior das ciências aplicadas e das artes, mas evitando o uso de um coronel de livros como o utilizado na Escola Superior de Enfermagem do Porto. Optou-se por uma composição com folhas de figueira, simbolizando a aplicação dos conhecimentos que deve caracterizar o ensino superior, representando as ciências e artes alicerçadas na pesquisa e execução, e com lanternas bilícnias, simbolizando a luz do espírito, a difusão do conhecimento e aludindo ainda ao estudo como atividade primordial do Instituto, sendo que o número de chamas corresponderia também às duas vertentes por este cultivadas: as ciências e as artes (fig. 3).



3 – Coronel do Politécnico de Lisboa

Timbre

A proposta de timbre derivou da universalidade do ensino superior, mas remetendo também para os Descobrimentos Manuelinos, através da utilização do corpo da empresa do rei D. Manuel I, a esfera armilar, um importante instrumento tão aplicado na navegação através da astronomia (fig. 4).



4 – Timbre do Politécnico de Lisboa

Divisa

Não tinha o IPL até à data da criação das armas qualquer divisa. Na criação desta foram pensadas várias soluções e ensaiadas várias hipóteses, nomeadamente a utilização, à semelhança do que sucede, por exemplo, nas armas do Instituto Universitário Militar ou da Academia Militar, entre vários outros exemplos, de uma divisa camonianiana, respetivamente «POR PURO ENGENHO E POR CIÊNCIA»¹⁹ e «EM PERIGOS E GUERRAS ESFORÇADOS»²⁰.

Registe-se por fim que, na diversidade dos saberes de que o Instituto é composto, tem denominadores comuns, evidenciados igualmente na forma como se relaciona não só

19. Luís de Camões – *Os Lusíadas*. Lisboa: Antonio Gonçalves Impressor, 1572, V, 17.

20. *Ibidem*, I, 1.

com as questões patrimoniais, mas sobretudo nas suas duas prioridades, o Ensino e a Investigação e que tão bem são conjugados na sua divisa: VBI SCIENTIA ET ARS, IBI SAPIENTIA ET PRAXIS, que é entendida como: Onde há Ciência e Artes há Sabedoria e Experiência, registando de alguma forma as características do ensino ministrado.

Grito-de-guerra

Entende-se o grito de guerra «INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA» não como uma mera legenda da designação do estabelecimento de ensino, mas exatamente com a função de um verdadeiro grito de guerra, ou seja, a aglutinação de uma força, neste caso de saber, de artes, ciência e investigação, reforçando a coesão e solidariedade das unidades orgânicas no organismo que as une e a que pertencem.

A proposta para as armas do IPL mereceu a aprovação do respetivo presidente que a levou a conselho académico e, na sequência da aprovação, foram encomendados os desenhos finais das armas, da bandeira e selos, bem como a iluminura, a um dos mais relevantes ilustradores e iluminadores heráldicos em Portugal, José Colaço, com uma obra muito significativa e responsável, entre outras, pelas iluminuras das armas do Exército nas últimas quatro décadas²¹.

INSÍGNIAS E FALERÍSTICA DO POLITÉCNICO DE LISBOA

Na sequência da criação da heráldica para o Instituto, foi decidido também criar o traje académico²² e respetivas insígnias²³, sendo também feita a reforma das distinções que o IPL outorgava.

Insígnias

Pelo despacho “Despacho n.º 6 /IPL-2010 – Normas do Traje Académico do Instituto Politécnico de Lisboa”²⁴ foram instituídas as insígnias de professores, da direção do Politécnico de Lisboa e, posteriormente, dos membros do Conselho Geral.

A solução encontrada foi relativamente simples e passou pela utilização de uma medalha oval, com as armas do IPL, suspensa de epitoge, de ouro para o presidente (fig. 5), de prata para os vice-presidentes e de bronze para os professores²⁵.

Para os membros cooptados do Conselho-Geral foi criado um colar de função. Trata-se de uma peça constituída por uma cadeia composta por 12 esferas armilares, 6 escudos do IPL e 6 elementos geométricos de ligação, interligados, do qual pende a medalha oval

21. Sobre José Colaço veja-se o capítulo dedicado a este artista plástico e heraldista em Paulo Jorge Morais Alexandre – *A Heráldica do Exército na República Portuguesa no século XX*. Dissertação de Doutoramento. Disponível em: *Estudo Geral – Repositório Digital*. Universidade de Coimbra. Endereço: <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/12166>. Acedido em 2019, junho, 14

22. Veja-se a este respeito: Jorge Silva – “Armas e Traje Académico do IPL” in *Politecnia*. Lisboa: 2010, janeiro, n.º 23.

23. Cf. Luís Vicente Ferreira – “Despacho n.º 6 /IPL-2010 – Normas do Traje Académico do Instituto Politécnico de Lisboa” in *Sítio do Politécnico de Lisboa*. Disponível em: https://www.ipl.pt/sites/default/files/ficheiros/Normas_Traje_Academico_IPL.pdf. Acedido em 2019, junho, 9.

24. *Ibidem*.

25. *Ibidem*.

com as armas do IPL. O presidente do Conselho-Geral usa colar de prata (fig. 6) e os outros conselheiros cooptados de bronze.



5 – Desenho da insígnia de Presidente do Politécnico de Lisboa



6 – Colar de Presidente do Conselho Geral do Politécnico de Lisboa

Falerística

Na sequência da criação de heráldica houve uma reforma das distinções atribuídas pelo Politécnico de Lisboa: de uma situação existente onde as medalhas de distinção não eram portáteis, caso da Medalha de Ouro de Conhecimento e Mérito do IPL e da Medalha de Prata de Emérito e Serviços Prestados ao IPL de 1.^a classe (fig. 7). Excetuava-se a Medalha de Prata de Emérito e Serviços Prestados ao IPL de 2.^a classe, atribuída aos funcionários que haviam trabalhado pelo menos 10 anos ao serviço da instituição e que se aposentavam, que era constituída por uma insígnia de peito, com fita de suspensão partida de prata e azul, tendo pendente medalha circular de prata, com o logotipo do IPL inscrito (fig. 8).



7 – Medalha de Prata de Emérito e Serviços Prestados ao IPL de 1.^a classe



8 – Medalha de Prata de Emérito e Serviços Prestados ao IPL de 2.^a classe

Todas as medalhas do IPL passaram a ser condecorações e a ter características falerísticas, ou seja, passaram a ser portáteis e passaram a incluir nas insígnias as suas armas.

A Medalha de Ouro de Conhecimento e Mérito do IPL (fig. 9) diferencia-se apenas no material da Medalha de Prata de Emérito e Serviços Prestados ao IPL de 1.^a classe (fig.

10), com insígnia para pescoço com gravata constituída por fita de seda ondeada de prata, com um filete longitudinal de negro, argola espalmada cinzelada e canelão de ouro / prata, tendo pendente oval de ouro / prata, com as armas completas do IPL esmaltadas.



9 – Desenho da Insígnia da Medalha de Ouro de Conhecimento e Mérito do IPL

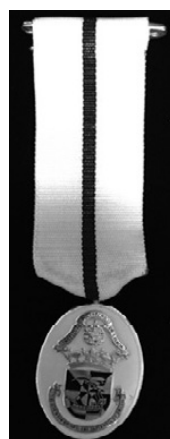


10 – Insígnia da Medalha de Prata de Emérito e Serviços Prestados ao IPL de 1.ª classe

A Medalha de Prata de Emérito e Serviços Prestados ao IPL de 2.ª classe, com insígnia para o peito, com fita de suspensão de seda ondeada de prata, passadeira: de prata, pendente de prata oval, com as armas completas do IPL esmaltadas (fig. 11).



11 – Insígnia da Medalha de Prata de Emérito e Serviços Prestados ao IPL de 2.ª classe



12 – Insígnia da Medalha de Prata de Valor e Distinção do IPL

Em 2014 foi criada a Medalha de Prata de Valor e Distinção do IPL, destinada a galardoar personalidades ainda estudantes ou já diplomados do IPL que se tenham notabilizado de forma muito relevante. A condecoração é composta por insígnia de peito, com fita de suspensão de seda ondeada de prata, com um filete longitudinal de negro, carregada no centro de uma coroa de louros de ouro, pendente de prata oval tendo no centro as armas completas do IPL esmaltadas (fig. 12)²⁶.

26. Cf. Luís Vicente Ferreira – “Despacho n.º 4/2014 – Regulamento para atribuição da Medalha de Prata de Valor e Distinção do IPL” in *Sítio do Politécnico de Lisboa*. Disponível em https://www.ipl.pt/sites/default/files/ficheiros/instituto/regulamento_medalha_prata_valor_e_distincao_0.pdf. Acedido em 2019, junho, 9.

CONCLUSÃO

A proposta de ordenação das armas, insígnias e falerística do Politécnico de Lisboa foi feita pelo autor do presente artigo, mas sem o trabalho de ilustração e iluminura do heraldista José Colaço, não teria a qualidade que lhe é reconhecida, já que se trata de um dos mais importantes artistas heráldicos portugueses, com uma obra ímpar. Registe-se que se considera que há trabalho artístico na criação de armas, que é a sua ordenação, que é independente de qualquer desenho ou interpretação, mas que poderá existir também instauração na forma como essa ordenação é interpretada como se considera no caso presente.

Deve ainda ser registado o empenho do presidente Luís Vicente Ferreira numa solução que, sem dúvida, colocou esta instituição junto aos melhores exemplos de heráldica corporativa, neste caso entre os melhores exemplos de heráldica de estabelecimentos de ensino superior.

Fontes e Bibliografia

“Emblemática do Instituto Politécnico de Castelo Branco” in *Diário da República*. Lisboa: 1995, março, 9, 1.ª série B, n.º 58.

“Estatutos do Instituto Politécnico de Lisboa” in *Diário da República*. Lisboa: 2009, maio, 2.ª série, n.º 98.

“Lei n.º 53/91 de 7 de Agosto – Heráldica autárquica e das pessoas colectivas de utilidade pública administrativa” in *Diário da República*, Lisboa: 1991, Agosto, 7, 1.ª série A, n.º 180.

“Logotipo IPV – Concurso de Ideias” in *Sítio do Instituto Politécnico de Viseu*. Disponível em: http://www.ipv.pt/ci01_19/pconci_ci_2019.pdf. Acedido em 2019, junho, 5.

“Símbolo do Instituto Politécnico de Bragança” in *Diário da República*. Lisboa: 1995, setembro, 5, 1.ª série B, n.º 205/1995

“Símbolos e Brasão” in *Sítio do Instituto Politécnico de Bragança*. Disponível em: <https://portal3.ipb.pt/index.php/pt/ipb/quem-somos/ipb/simbolos-e-brasao>. Acedido em 2019, junho, 5.

“Universidade do Minho: Manual de Identidade Visual” in *Sítio da Universidade do Minho*. Disponível em: https://www.uminho.pt/PT/uminho/Simbolos-e-Hino/Identidade-grafica/Documents/Alt.%20Manual_Identidade_UMinho.pdf. Acedido em 2019, junho, 6.

ALEXANDRE, Paulo Jorge Morais – *A Heráldica do Exército na República Portuguesa no século XX*. Dissertação de Doutoramento. Disponível em: “Estudo Geral – Repositório Digital” in *Sítio da Universidade de Coimbra*. Endereço: <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/12166>. Acedido em 2019, junho, 14.

CAMÕES, Luís de – *Os Lusíadas*. Lisboa: Antonio Gonçalvez Impressor, 1572

CRUZ, Rui Solnado da – “Ofício Ref. DM/20/2007/65219” in *Pasta Logotipos*. S.l., 2007, abril, 26. Arquivo do Gabinete de Comunicação e Imagem do IPL.

FERREIRA, Luís Vicente – “Despacho n.º 6 /IPL-2010 – Normas do Traje Académico do Instituto Politécnico de Lisboa” in *Sítio do Politécnico de Lisboa*. Disponível em: https://www.ipl.pt/sites/default/files/ficheiros/Normas_Traje_Academico_IPL.pdf. Acedido em 2019, junho, 9.

FERREIRA, Luís Vicente – “Despacho n.º 4/2014 – Regulamento para atribuição da Medalha de Prata de Valor e Distinção do IPL” in *Sítio do Politécnico de Lisboa*. Disponível em https://www.ipl.pt/sites/default/files/ficheiros/instituto/regulamento_medalha_prata_valor_e_distincao_0.pdf. Acedido em 2019, junho, 9.

OLIVEIRA, Humberto Nuno de, e SEIXAS, Miguel Metelo de – *Heráldica Universitária: Subsídios para o Ordenamento Heráldico da Universidade Lusitana*. Lisboa: Universidade Lusitana / Academia Lusitana de Heráldica, 2004.

PASTOUREAU, Michel – *Traité d'Héraldique*, Paris: Grands Manuels Picard, ed. de 1993.

PROVIDÊNCIA, Francisco – “Sobre o “nascimento” da Nova Imagem da UM” in *Sítio da Universidade do Minho*. Disponível em: https://www.uminho.pt/PT/uminho/Simbolos-e-Hino/Identidade-grafica/Documents/nova_identidade.pdf. Acedido em 2019, junho, 6.

RAPOSO, Daniel e NEVES, João – “O Instituto Politécnico de Castelo Branco como marca” in *ddiseño: Boletín académico-científico de Información y Desarrollo del diseño en el ámbito hispano/italiano/portugués*. Málaga: 2000, janeiro, ano 3, n.º 5. Disponível em: <http://www.arsfluentes.es/ddiseño/ddiseño-5/documento1.htm>. Acedido em 2019, junho, 5.

RODRIGUES, Arminda – “Instituto Politécnico de Lisboa tem novo logotipo” in *Politecnia*. Lisboa: 2012, março, n.º 26.

SILVA, Jorge – “Armas e Traje Académico do IPL” in *Politecnia*. Lisboa: 2010, janeiro, n.º 23.

ANEXO: BRASÃO-DE-ARMAS DO POLITÉCNICO DE LISBOA



Descrição: **Escudo:** gironado de oito peças de negro e prata, uma nau entrecambada. **Coronel:** académico, composto por um arco liso com virolas nos bordos superior e inferior encimado por quatro lanternas bilícnias acesas, das quais duas são aparentes, o intervalo entre cada duas lanternas bilícnias acesas é preenchido por uma folha de figueira, tudo de ouro. **Timbre:** uma esfera armilar de prata. **Grito de guerra:** num listel de prata, ondulado, sobreposto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, estilo elzevir: “INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA”. **Divisa:** num listel de prata, ondulado, sotoposto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, estilo elzevir: “VBI SCIENTIA ET ARS, IBI SAPIENTIA ET PRAXIS”.

Simbologia: O **Gironado** cita a bandeira do concelho de Lisboa, cidade onde o Instituto Politécnico de Lisboa está sediado. A **Nau** alude à gesta marítima portuguesa, onde se aliaram, o conhecimento e a prática, só possíveis pelo cultivo das ciências e das artes, estabelecendo-se um paralelismo com o desiderato do Instituto. A **Esfera Armilar** remete para as armas nacionais e representa a vocação universal do ensino ministrado no Instituto Politécnico de Lisboa, vocacionado para a expansão e o intercâmbio de experiências e saberes. A **Lucerna Bilícnia** simboliza a luz do espírito, a difusão do conhecimento e alude ao estudo como atividade primordial do Instituto. O número de chamas corresponde às duas vertentes por este cultivadas: as ciências e as artes. A **Folha de Figueira**, de uma espécie endémica em Portugal, simboliza a aplicação dos conhecimentos que caracteriza o ensino superior politécnico representando as ciências e artes alicerçadas na pesquisa e execução. O **Grito de Guerra** “INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA” alude à união do Instituto sob a sua designação e órgãos. A **Divisa** “VBI SCIENTIA ET ARS, IBI SAPIENTIA ET PRAXIS” que se traduz por “Onde há Ciência e Arte, há Sabedoria e Prática” alude por um lado às duas vertentes do ensino do Instituto, as ciências e as artes, mas por outro aponta claramente a sua orientação e vocação expressa na “Lei de Bases do Sistema Educativo” quando se afirma que «O ensino politécnico, orientado por uma constante perspectiva de investigação aplicada e de desenvolvimento, dirigido à compreensão e solução de problemas concretos, visa proporcionar uma sólida formação cultural e técnica de nível superior, desenvolver a capacidade de inovação e de análise crítica e ministrar conhecimentos científicos de índole teórica e prática e as suas aplicações com vista ao exercício de atividades profissionais». Os **esmaltes** significam: OURO, constância e firmeza; PRATA, verdade, riqueza na virtude e humildade nos procedimentos; NEGRO, sabedoria, honestidade.